



Mesclagem conceptual em análise de cartum

Sandra Bernardo (UERJ/PUC-Rio)

RESUMO: Analisam-se as interpretações de um cartum, elaboradas por estudantes do primeiro período de uma universidade do Rio de Janeiro, com base nas teorias da integração conceptual (FAUCONNIER e TURNER, 2002) e da metáfora conceptual (LAKOFF e JOHNSON, 1980[2002]). O cartum retrata uma consulta médica em que o paciente com uma faca cravada nas costas recebe do médico a notícia de que se trata “apenas de uma metáfora”. Embora a maioria dos alunos tenha relacionado esse cenário ao sentido metafórico de traição, nem todos mencionaram o dito popular “fui apunhalado pelas costas”. Assim, postula-se, neste artigo, o tipo de mesclagem envolvido nas conceptualizações dessas interpretações.

Palavras-chave: mesclagem; metáfora conceptual; cartum

Introdução

Apresento, neste artigo, um desdobramento de análise proposta em Bernardo e Ferreira (2010)¹ acerca da conceptualização de um cartum, com o objetivo de postular o tipo mesclagem conceptual (FAUCONNIER e TURNER, 2002) envolvido na compreensão desse tipo de texto multimodal. Para tal, foi solicitado a 65 alunos do primeiro período de uma universidade do Rio de Janeiro que interpretassem o cartum em estudo, a fim de verificar os sentidos atribuídos pelos estudantes.

O cartum, obtido no Google Imagens², ilustra um consultório, onde um médico, com uma expressão alegre, encontra-se diante de um paciente com uma faca literalmente cravada nas costas, exibindo surpresa, espanto. Abaixo da imagem, lê-se o seguinte diagnóstico: “Tenho boas notícias. Os testes mostram que se trata apenas de uma metáfora”.

Apesar da aparente facilidade com que os falantes de uma língua, inseridos em determinada cultura, constroem o sentido desse forma de produção artística, esse tipo de conceptualização requer operações cognitivas complexas, como a (des)compressão de relações vitais de identidade, representação, intenção e analogia. Além disso, a imagem pode evocar o dito popular “ser apunhalado pelas costas” com sentido de traição, o que me levou a

¹ Em Bernardo e Ferreira (2010), comunicação apresentada no XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia na UERJ, a análise concentrou-se na minha interpretação do cartum; logo, foi permeada de maior introspecção em relação ao que apresento agora com outras leituras.

² Disponível em: <http://ofunil.blogs.sapo.pt/arquivo/325374.html>

também basear esta análise no conceito de metáfora conceptual (LAKOFF e JOHNSON, 1980[2002]; KÖVECSES, 2005). Assim, na próxima seção, sintetizarei os conceitos empregados na análise.

1. Integração conceptual e metáfora

Do pensamento mais simples a pensamentos complexos e imaginativos, a forma como se raciocina, ao processar informações e conhecimentos de todos os tipos, deve-se, em muitos casos, à integração (ou mesclagem) conceptual. O sistema conceptualizador humano é dotado de grande potencial simbólico para construir significados. Como apontam Fauconnier e Turner (2002, p. 6ss), isso é possível devido a três operações cognitivas básicas interrelacionadas: identidade, integração e imaginação.

Perceber *identidade*, equivalências e oposições, entre todas as coisas (concretas ou abstratas), a fim de estabelecer-lhes relações e/ou delimitá-las, é resultado de um trabalho complexo e elaborado do raciocínio. Não se trata de um ponto de partida primitivo cognitivo, neurobiológico e evolucionário, a percepção da identidade é parte de um processo de *integração* conceptual muito mais complicado, com propriedades dinâmicas e estruturais, bem como restrições operacionais, que trabalha, sem ser notado, de forma rápida nos bastidores da cognição, ao categorizarmos tudo que nos cerca (*op. cit.*).

Identidade e integração não podem explicar o significado e seu desenvolvimento sem a *imaginação*. Mesmo com ausência de estímulo externo, o cérebro pode produzir simulações: ficção, sonho, cenários hipotéticos, fantasias. Todavia, os processos imaginativos identificados nessas formas elaboradas de pensamento criativo também atuam na mais simples construção de significado (*op. cit.*).

Assim, quando se categorizam as entidades, atribuindo-lhes uma escala de valores, papéis e/ou funções, suas identidades são percebidas de modo a integrá-las numa categoria conceptual estável adequada ao contexto (comunicativo, social, cultural), a partir de experiências, armazenadas com base em modelos cognitivos idealizados, esquemas imagéticos e *frames*.

Modelos cognitivos idealizados (MCIs) consistem em um conjunto coerente e estável de representações do conhecimento que pode ser organizado de várias maneiras (LAKOFF, 1987). Os esquemas imagéticos formam-se por meio da percepção sensorio-motora das experiências humanas mais primitivas, ligadas a uma série de situações que experienciamos em nossa interação com o ambiente (GIBBS e COLSTON, 2006[1995]). Semelhantes aos MCIs, na medida em que se relacionam a estruturas de conhecimentos relativamente complexas, os *frames* podem ser definidos como qualquer “sistema de conceitos relacionados, de tal forma que para entender qualquer um deles é necessário compreender toda a estrutura em que se enquadram” (FILLMORE, 2006, p. 373) .

Grande parte da conceptualização, responsável pelo estabelecimento de sentidos, ocorre por meio de integração de espaços mentais interconectados, abertos dinamicamente à medida que o sistema conceptualizador humano aciona rotinas cognitivas para processamento e compreensão de tudo que nos cerca. Os espaços mentais são pequenos pacotes conceptuais construídos durante o pensamento e a fala. Trata-se de construtos parciais que contêm elementos estruturados por *frames* e modelos cognitivos. Embora operem na memória de trabalho, tais espaços são construídos parcialmente pela ativação de estruturas da memória de longo termo.

A compreensão de um enunciado como *Se eu fosse você agiria com mais cuidado ao lidar como o novo encarregado*, expresso, por exemplo, durante um diálogo entre colegas de trabalho, envolve a ativação de dois cenários: o da realidade, a forma como os participantes

estão agindo, e o da situação hipotética, o modo de ação recomendado. O cenário da realidade envolve o acionamento de dois espaços mentais: no primeiro, conceptualiza-se o funcionário que lida bem com o chefe; no segundo, o funcionário, que, segundo o enunciador, não vem interagindo bem com o chefe.

Para compreensão do cenário hipotético, projeta-se o papel desempenhado pelo funcionário cuidadoso na contraparte do papel desempenhado pelo funcionário relapso, integrando os dois papéis, ou seja, ligam-se as identidades dos dois funcionários. No espaço mental em que ocorre a fusão de papéis, denominado espaço-mescla, os dois funcionários lidam bem com o novo encarregado. Nesse processo de integração conceptual, projeta-se apenas a qualidade esperada no trato com o novo encarregado.

Logo, a integração (ou mescla) conceptual é uma operação mental básica altamente imaginativa, que surge de uma rede de espaços mentais, cuja configuração mínima envolve a projeção seletiva de elementos de quatro espaços:

- *Espaços iniciais de entrada* – espaços-input 1 e 2 interconectados;
- *Espaço genérico* – projeta-se sobre cada um dos inputs, contendo o que os dois *inputs* têm em comum em qualquer momento do desenvolvimento da rede de integração conceptual;
- *Espaço-mescla* - em que elementos dos espaços iniciais (*inputs*) são parcialmente projetados (por exemplo, a habilidade de lidar com o chefe do funcionário cuidadoso e o modo como o funcionário relapso passaria a agir).

O espaço-mescla resultante dessa projeção seletiva apresenta uma estrutura emergente com uma configuração distinta das estruturas proporcionadas pelos *inputs* interrelacionadas de três maneiras:

- (i) *Composição* – tomadas em conjunto, as projeções dos *inputs* engendram novas relações utilizáveis que não existiam separadamente nos inputs.
- (ii) *Completamento* – conhecimentos anteriores, *frames*, modelos cognitivos idealizados e esquemas culturais permitem projetar a estrutura compósita no interior da mescla por transferências parciais de estruturas dos *inputs* e serem vistos como parte de uma ampla estrutura autocontida na mescla. O padrão mais rico da mescla, estruturado pela herança das estruturas *inputs*, é completado na estrutura emergente mais ampla. O completamento traz uma estrutura adicional para o espaço-mescla: no exemplo acima, o funcionário que passa a lidar bem com o chefe num cenário hipotético.
- (iii) *Elaboração* – completada na mescla, a estrutura pode então ser *elaborada* através de um processo cognitivo desempenhado em seu interior, de acordo com sua lógica própria e emergente. Um exemplo de elaboração seria uma conversa entre os dois funcionários acerca de normas de conduta e relação hierárquica na empresa.

O aspecto mais importante é que o espaço mesclado mantém-se conectado aos *inputs*, para que essas propriedades estruturais do espaço mesclado possam ser mapeadas, quando refletido de volta sobre os *inputs*. Por causa da familiaridade do quadro obtido pelo completamento, o cenário hipotético com mudança de comportamento do funcionário é automático.

Qualquer espaço pode ser *modificado* em qualquer momento da construção da rede de integração. Isso ocorre porque o significado não é construído em nenhum dos espaços especificamente, mas reside na reciprocidade dos arranjos elaborados e suas respectivas conexões. Logo, a ordem desses esquemas pode ser reorganizada a todo o momento. Espaços, domínios e enquadramentos podem proliferar-se e modificar-se, resultando assim em novos

espaços-mescla antes não previstos e também provocando transformações naqueles já previstos.

Mesclagens costumam ser originais e geradas *on line*, mas requerem acionamento de projeções e *frames* já armazenados (entrincheirados – *entrenchment*). Uma vez criada, a mescla pode se tornar uma rotina cognitiva fixa, armazenada, com potencial para se tornar o *input* de outro processo de integração conceptual. Um fato motivador fundamental da mesclagem é a integração de vários eventos em uma única unidade. Um exemplo de Fauconnier e Turner (2002) que ilustra bem essa característica é a conceptualização de cerimônias de formaturas, cujo conceito representa em um único evento todas as etapas percorridas ao longo dos anos da graduação, que são comprimidos no espaço-mescla.

Embora uniforme em sua dinâmica, a integração conceptual pode servir a diferentes objetivos, daí sua *aplicação ampla* a vários tipos de raciocínio, entre os quais se encontra o pensamento metafórico. Concebidas na Linguística Cognitiva como uma forma de raciocínio, as metáforas permitem a conceptualização de um domínio em termos do outro. Segundo Lakoff e Johnson (1980[2002]), os processos do pensamento são em grande parte metafóricos: “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos da outra” (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 43).

A compreensão de discussão em termos de guerra, presente em “seus argumentos são *indefensáveis*”; “ele *atacou* todos os pontos fracos da minha argumentação” e “suas críticas foram *direto ao alvo*”, evidenciadas pelas expressões linguísticas grifadas, ilustram, por exemplo, a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA. Essa metáfora surge da integração entre dois domínios distintos: o domínio fonte GUERRA com base no qual o domínio alvo DISCUSSÃO é experienciado. Os domínios fonte e alvo consistem nos espaços mentais de *input*, dos quais alguns elementos são projetados no espaço-mescla onde a conceptualização metafórica ocorre.

Em seguida, proponho a conceptualização do cartum a partir das interpretações dos alunos. Aspectos teóricos específicos, não abordados nesta seção, serão tomados ao longo da análise.

2. “Ser apunhalado pelas costas”

Início esta seção de análise com a ilustração do cartum abaixo:



Cartum – “Apunhalado pelas costas”

O levantamento das interpretações foi pautado nos seguintes aspectos observados recorrentemente nos textos dos alunos: (a) referência ao dito com sentido de traição; (b) referência ao sentido de traição sem citar o dito e (c) referência ao dito sem menção ao sentido de traição. Além disso, confrontei a atribuição explícita de sentido cômico na relação sentido entre a imagem e o texto (diagnóstico do médico) e apenas a menção ao humor ou à ironia. Como vários alunos expressaram o fato de que o paciente não estava ferido de fato, mas sofreu uma traição, apresentando, assim, um problema psicológico (não físico), por conta do sentido metafórico do dito, levantei tais casos, considerando ferimento não real, em oposição a ferimento real nos casos em que nada foi mencionado quanto ao ferimento representar um problema emocional.

Algumas interpretações foram descartadas desta análise. Em duas ocorrências, os alunos afirmaram que não entenderam, em uma delas, inclusive, foi citado o conceito de metáfora como figura de linguagem, ensinado na escola. Também em duas ocorrências, a metáfora abordada no cartum foi expressa sem o verbo *apunhalar*, como, por exemplo, *isso foi uma facada nas costas*, o que me levou a duvidar da interpretação, pois a metáfora alegada é uma reprodução da cena. Em outras palavras, o aluno sabe que se trata de algo relacionado à metáfora por conta da fala do médico, mas não acessou o dito ou o sentido de traição, nem se reportou ao sentido cômico ou irônico da ilustração. Outras 16 interpretações revelaram sentidos sem relação com dito; em alguns casos, o cartum foi analisado como uma crítica ao mau atendimento médico em hospitais públicos. Logo, das 65 leituras obtidas, 45 expressam relação com traição e/ou com dito, como pode ser observado na Tabela (1) abaixo, que visa apenas a uma síntese das interpretações, não retrata resultados submetidos a um rigor estatístico:

(a) dito <i>ser apunhalado pelas costas</i> = traição:	(b) sentido de traição sem referência ao dito	(c) dito <i>ser apunhalado pelas costas</i>	Total
23/ 51.1%	13 / 28.8%	9 / 20.0%	45
Humor = imagem + texto	Humor = imagem + texto	Humor = imagem + texto	
10/23 – 43.4%	1/13 – 7.6%	3/9 – 33.3%	
Humor; ironia	Humor; ironia	Humor; ironia	
4/23 – 17.3%	1/13 – 7.6%	5/9 – 55.5%	
Ferimento não real	Ferimento não real	Ferimento não real	
19/23 – 82.6%	8/13 – 61.5%	1/9 – 11.1%	
Ferimento real	Ferimento real	Ferimento real	
4/23 – 17.3%	5/13 – 38.4%	8/8 – 88.8%	

Tabela 1 – Totalização de sentidos expressos nas interpretações do cartum

Embora a tabela revele várias nuances da compreensão do cartum, concentrar-me-ei, inicialmente, nas análises que envolvem o sentido de traição manifesto nos textos. Assim, passo à análise das interpretações do padrão (a): aquelas que relacionaram o cartum ao dito “ser apunhalado pelas costas” com sentido de traição.

Segundo Fauconnier e Turner (2002, p. 92ss), a capacidade de abrir, conectar e mesclar espaços mentais nos fornece um *insight* global, uma compreensão em escala humana e um novo sentido, tornando-nos eficientes e criativos. Um dos mais importantes aspectos dessa eficiência, em termos de *insight* e criatividade, é a compressão alcançada por meio da mesclagem de relações conceptuais, denominadas relações vitais. Com base nesse arcabouço, postulo a hipótese de que a diferença entre os padrões de interpretação relacionam-se aos tipos de relações vitais (des)comprimidas.

Como pode ser observado na Tabela (1), ao interpretarem o cartum, dos 23 alunos que citaram explicitamente o dito “ser apunhalado pelas costas”, 14 alunos destacaram um sentido cômico para o cartum, dos quais 10 atribuíram explicitamente o humor à relação imagem-texto. Nesses casos, estão envolvidas a (des)compressão de várias relações vitais na estrutura emergente do espaço-mescla, a saber: mudança, identidade, intencionalidade, representação, analogia-desanalogia, causa-efeito.

O cenário do cartum leva o conceptualizador a acionar um *frame* organizacional de consulta médica, na medida em que se identificam elementos característicos desse tipo de interação: *paciente ferido* com uma faca; *médico*, identificado por aparelho preso à cabeça; *consultório*, onde, após *diagnóstico*, doentes buscam uma *cura*. Assim, o espaço-*input* (1) é estruturado por elementos relativos ao *frame* organizacional de consulta médica, no qual a faca nas costas é a doença a ser curada. Esse espaço inicial é estruturado pela informação visual do cartum.

No entanto, ao ler abaixo da ilustração “Tenho boas notícias. Os testes mostram que se trata apenas de uma metáfora”, é acionado um novo espaço mental estruturado por um modelo cognitivo idealizado ligado ao conhecimento sobre o conceito de metáfora e linguagem metafórica. Dessa forma, pode-se conceber um espaço-*input* (2) estruturado pelo conhecimento sobre metáfora, que integra o caso do dito popular metafórico e o senso comum de que a metáfora é uma figura de linguagem, um artifício retórico, permitindo a projeção entre diagnóstico do *input* (1) e o dito metafórico neste *input* (2). Esse espaço é estruturado com base nas pistas linguísticas fornecidas pelo texto do cartum, todavia apresenta uma complexidade, por ser produto da ligação entre o conceito de metáfora e o sentido metafórico do dito, estruturado pela metáfora conceptual TRAIÇÕES SÃO GOLPES POR ARMAS LETAIS, já que, nas interpretações, o dito é relacionado à metáfora citada no diagnóstico.

O diagnóstico do médico, considerando o ferimento uma metáfora, é projetado no espaço-mescla, onde elementos de domínios tão distintos são projetados, de forma imaginativa, gerando o humor. Logo, o espaço-mescla é estruturado pela projeção de elementos dos dois *inputs* interconectados.

Consultório, médico, paciente e ferimento são herdados do espaço-*input* (1). O diagnóstico é herdado do sentido de metáfora como um mero artifício retórico do espaço-*input* (2), produzindo uma analogia com ferimento sem gravidade, superficial, na imaginação do leitor, que desfaz automaticamente a analogia, porque, no desenho, o paciente está com uma faca cravada nas costas, o que seria grave, se não fosse algo psicológico, como afirmaram 82.6% dos alunos que consideraram o ferimento não real. Os 17.3% de casos de alunos que não se posicionaram quanto ao ferimento ser emocional, por isso esses casos foram classificados como ferimento real, podem estar relacionados a uma conexão mais direta com a intenção humorística do cartum ligada ao dito, ou seja, percebida tal relação, não importa se o ferimento é real ou não.

Nesse espaço mental, o conceptualizador realiza a descompressão/a desintegração das identidades do médico e do paciente, causando-lhes uma mudança, pois o ferimento emocional representa a intenção de provocar humor. Nesse sentido, observa-se também uma mudança no diagnóstico, que passa a ser compreendido com um valor humorístico. Altera-se ainda a relação vital causa-efeito, já que o ferimento deixa de ser a causa para a consulta e o efeito passa a ser o humor.

Tais operações mentais são possíveis, porque os espaços mentais de *input* contêm os elementos relativos ao *frame* sobre consultas e ao conhecimento sobre metáforas, que permanecem disponíveis nessa rede de integração. Os processos de integração/compressão e desintegração/descompressão funcionam como os dois lados de uma moeda, que permanecem simultaneamente disponíveis para ativação durante o acesso à rede inteira.

Dessa forma, a rede de integração proposta para conceptualização do cartum das interpretações do padrão (a), conforme a Tabela (1), é ilustrada na Figura (1):

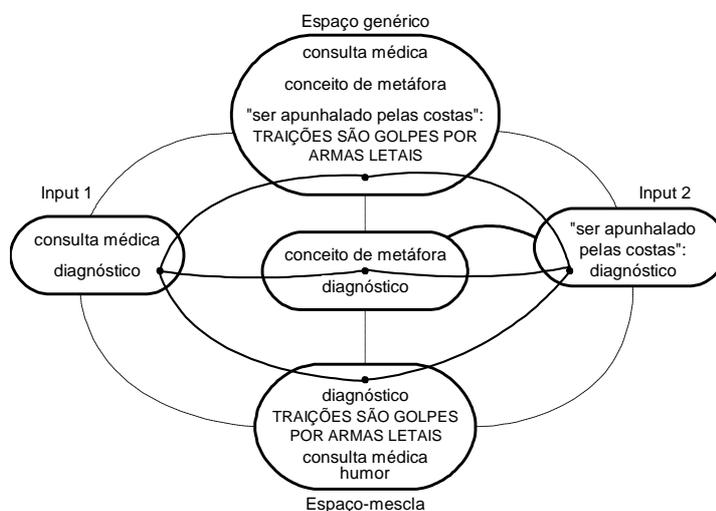


Figura 1 – Mesclagem das interpretações (a)

Assim, a projeção entre os *inputs* produz a relação entre domínios diferentes, gerando uma estrutura compósita que é completada na mescla, com uma estrutura emergente própria, onde o diagnóstico de “apenas uma metáfora” é elaborado. As linhas pontilhadas representam as ligações entre os espaços que permanecem disponíveis em toda a rede. As linhas cheias finas representam as projeções dos elementos interconectados. A linha mais forte representa a ligação entre os dois espaços de *input 2*, o conceito de metáfora em termos formais ligados ao senso comum e a metáfora que integra o conhecimento de mundo desses usuários da língua.

Devido à diferença entre os domínios dos espaços-*inputs* da rede para conceptualização do cartum, considerei-a um caso de *rede de escopo duplo com alta assimetria*, porque, embora receba projeções da topologia dos *frames* organizacionais dos *inputs*, o *frame* organizacional para a mescla é uma extensão do *frame* organizacional do *input* (1), já que o cenário de consulta médica permanece no espaço-mescla, mesmo desconstruído, a fim de produzir humor nas interpretações do padrão (a). Além disso, a relação entre o conceito de metáfora e o dito popular metafórico, para se chegar ao diagnóstico “positivo” do médico, só ocorre na mescla em razão do conflito entre os *inputs*.

Ainda quanto ao padrão de interpretação (a), a diferença entre os alunos que mencionaram explicitamente a relação imagem-texto ao efeito humorístico, em comparação àqueles que só caracterizaram o humor, pode estar relacionada ao fato de os últimos não terem acionado a relação vital de representação acerca do papel dos conceitos linguísticos na conceptualização. Além disso, os nove casos de alunos que não explicitaram a percepção do humor podem estar relacionados a uma diferença na relação vital de intencionalidade, que só operou sobre o sentido de traição. Em outras palavras, os alunos que explicitaram a sátira sem ligarem-na à relação imagem-texto podem ter considerado relevante o efeito causado por tal relação na conceptualização e não propriamente o meio de construção de tal representação.

O padrão de leitura (b), em que se menciona o sentido de traição, pode ser representado de forma semelhante ao de (a), como pode ser observado na Figura (2), abaixo:

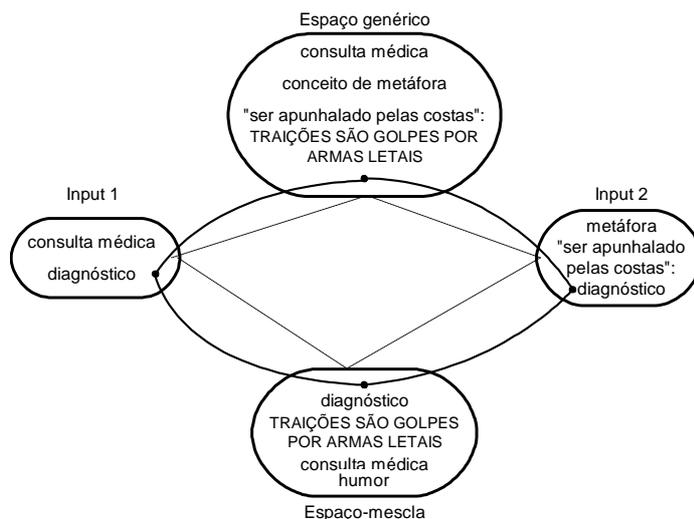


Figura 2 – Mesclagem das interpretações (b)

No entanto, como os alunos não citaram o dito metafórico, considerei que tal conceito está tão comprimido no *input 2*, talvez em razão do sentido do dito estar cristalizado, que não foi selecionado como elemento relevante a ser projetado na rede de espaços para a conceptualização. Uma das características que torna o modelo de redes de espaços integrados tão flexível e dinâmico é a projeção seletiva; logo, para os alunos que não mencionaram a expressão cotidiana, o sentido da traição e o caráter humorístico do cartum consistiram nos aspectos relevantes da interpretação. Todavia não concebo a explicitação desse sentido sem o acesso a uma rotina cognitiva composta pelos ditos de nossa cultura, mesmo de forma inconsciente, por isso postulo a estruturação do dito metafórico no *input (2)*.

Da mesma forma que no padrão (a), o espaço *input (1)* é estruturado pelo frame organizacional composto por elementos de uma consulta médica, em que destaquei apenas o diagnóstico para simplificar a representação da rede (médico, paciente, ferimento, consultório foram subespecificados). O espaço genérico permanece o mesmo nos dois padrões (a e b), reunindo os elementos comuns aos *inputs*, organizado pelo conhecimento de mundo dos alunos acerca de consultas médicas, metáforas e ditos populares, de modo a permanecer como uma base disponível para o acesso a toda a rede.

Também se observa a tendência de considerar o ferimento psicológico como efeito da traição, porém um número menor de atribuições do caráter humorístico ao cartum, se comparados com o padrão (a). Estaria tal interpretação relacionada ao não acesso ao dito? Parece-me que tais alunos encaminharam sua leitura sem perceber ou explicitar a forma como o sentido é construído, ou seja, não se detiveram na elaboração estrutural do cartum. Outra possível explicação seria a forma como a relação vital de intencionalidade foi acionada, ou seja, a traição foi vista como a única (ou a mais relevante) intenção retratada na produção artística.

Tendência oposta verificou-se nas leituras do padrão (c), em que apenas o dito foi mencionado como elemento relevante da análise do cartum, cuja configuração de espaços é apresentada na Figura (3):

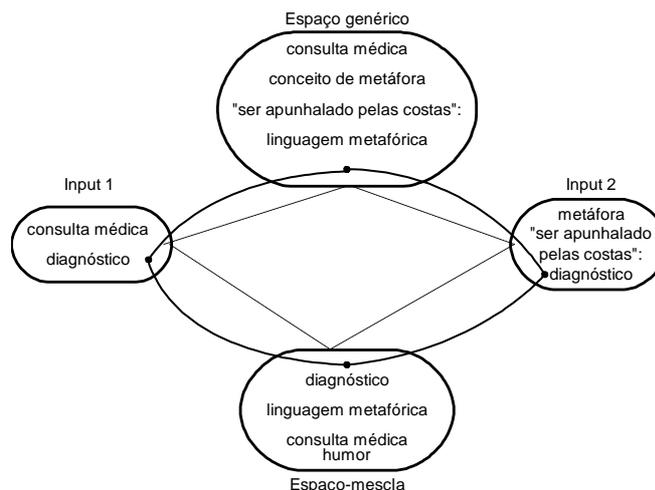


Figura 3 – Mesclagem das interpretações (c)

O percentual de 88.8% de análises sem menção a um ferimento psicológico levou-me a postular uma ênfase na relação vital de representação, já que os alunos tomaram o cartum como uma sátira da expressão “ser apunhalado pelas costas”. Devido à ausência manifesta do sentido de traição, concebi uma configuração de espaços com elementos formais, sem relação explícita com a metáfora conceptual TRAIÇÕES SÃO GOLPES POR ARMAS LETAIS. Não se quer afirmar que essa metáfora conceptual tenha deixado de estruturar o sentido do dito, mas que não foi selecionada como relevante para a conceptualização do cartum por parte desse grupo de alunos.

Parece-me que o cerne da leitura foi demonstrar que o cartum satiriza a expressão ao lhe conferir uma concretude por meio da imagem. Em apenas uma interpretação (1/9), o sentido humorístico não foi caracterizado, o que pode ter sido motivado pela tendência de análise formal do dito. Em outras palavras, de forma geral, o padrão de leitura (c) destaca a relação vital de representação, se comparado ao padrão (b), na medida em que a interpretação se concentra na explicação da expressão metafórica.

As redes (b) e (c) também foram analisadas como redes escopo duplo com alta assimetria, porque o cenário de consulta médica permanece no espaço-mescla, mesmo desintegrado e “desanalogizado”, de modo que a estrutura desse espaço pode ser considerada uma extensão do *frame* de consulta, em razão da intenção de gerar humor, ironia. Em seguida, passo às considerações finais.

Considerações finais

A comparação dos três padrões de interpretação revela níveis de conceptualização diferenciados em termos dos sentidos construídos e do caminho percorrido para tal construção. O padrão (a), mais complexo e completo, abarcou o sentido e o caminho, já que os alunos não só perceberam a traição, mas explicitaram os conhecimentos armazenados (conceito de metáfora e dito) para se alcançar tal compreensão, ao citarem a expressão metafórica.

Nesse padrão, pode-se observar a compressão-descompressão das seguintes relações vitais interrelacionadas: *causa-efeito*, o ferimento como causa da consulta sofre uma *mudança* e se torna a causa do humor, deixando, assim, de *representar* um problema físico grave. Além do ferimento, a *identidade* de médico e paciente também sofre alterações,

quando se cancela a *analogia* entre o cartum e uma consulta médica prototípica. Todas as mudanças operadas nas relações vitais acionadas nas leituras estão a serviço da *intencionalidade* percebida pelos alunos devido à capacidade humana de inferir e imaginar cenários.

No padrão (b), a interpretação se concentrou “apenas” no sentido construído e não no meio de construção do mesmo, pois os alunos não citaram o dito. Dessa forma, o acionamento da relação vital de intencionalidade poderia explicar tal diferença, se comparado com o padrão (a), já que o foco da projeção em (b) encontra-se na intenção de retratar a traição. A intencionalidade e a representação explicam a diferença de interpretação do padrão (c) em relação aos demais, porque, nesse caso, os alunos concentraram sua análise na forma como o humor é alcançado, ou seja, no modo como o cartum representa o dito.

Portanto, os três tipos de leitura apresentados aqui revelam a adequação do modelo de rede de integração conceptual para análise de cartum, porque propicia a explicação do potencial criativo que permeia tal produção. Embora de forma preliminar, busquei mostrar com a análise postulada que a mesclagem conceptual pode descrever os raciocínios presentes na integração dos componentes visual e textual do cartum.

ABSTRACT: The paper presents an analysis of interpretations of a cartoon, made by first year university students in Rio de Janeiro (Brazil). The analysis is based on theories of conceptual integration (FAUCONNIER and TURNER, 2002) and conceptual metaphor (LAKOFF and JOHNSON, 1980). The cartoon depicts a medical consultation in which the patient is shown with a knife in his back as he gets his doctor's diagnosis: “it is just a metaphor”. Although most of students have related this scenario to the metaphorical sense of betrayal, some of them did not mention the familiar idiomatic metaphor “backstabbing” connected to such a scene, which led to speculation that there must have been different processes of conceptualization.

Keywords: conceptual blending; conceptual metaphor; cartoon.

Referências

FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____ & TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basis Books, 2002.

FILLMORE, Charles J.. Frame semantics. In: GEERAERTS, Dirk (ed.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006, p. 373-400.

GIBBS Jr., Raymond W. & COLSTON, Herbert L.. The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. In: GEERAERTS, Dirk (ed.). *Cognitive linguistic: basic readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.

KÖVECSES, Zóltan. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____ & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto. Campinas-SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002 [1980].

RECEBIDO EM 31/10/2010 – APROVADO EM 13/05/2011